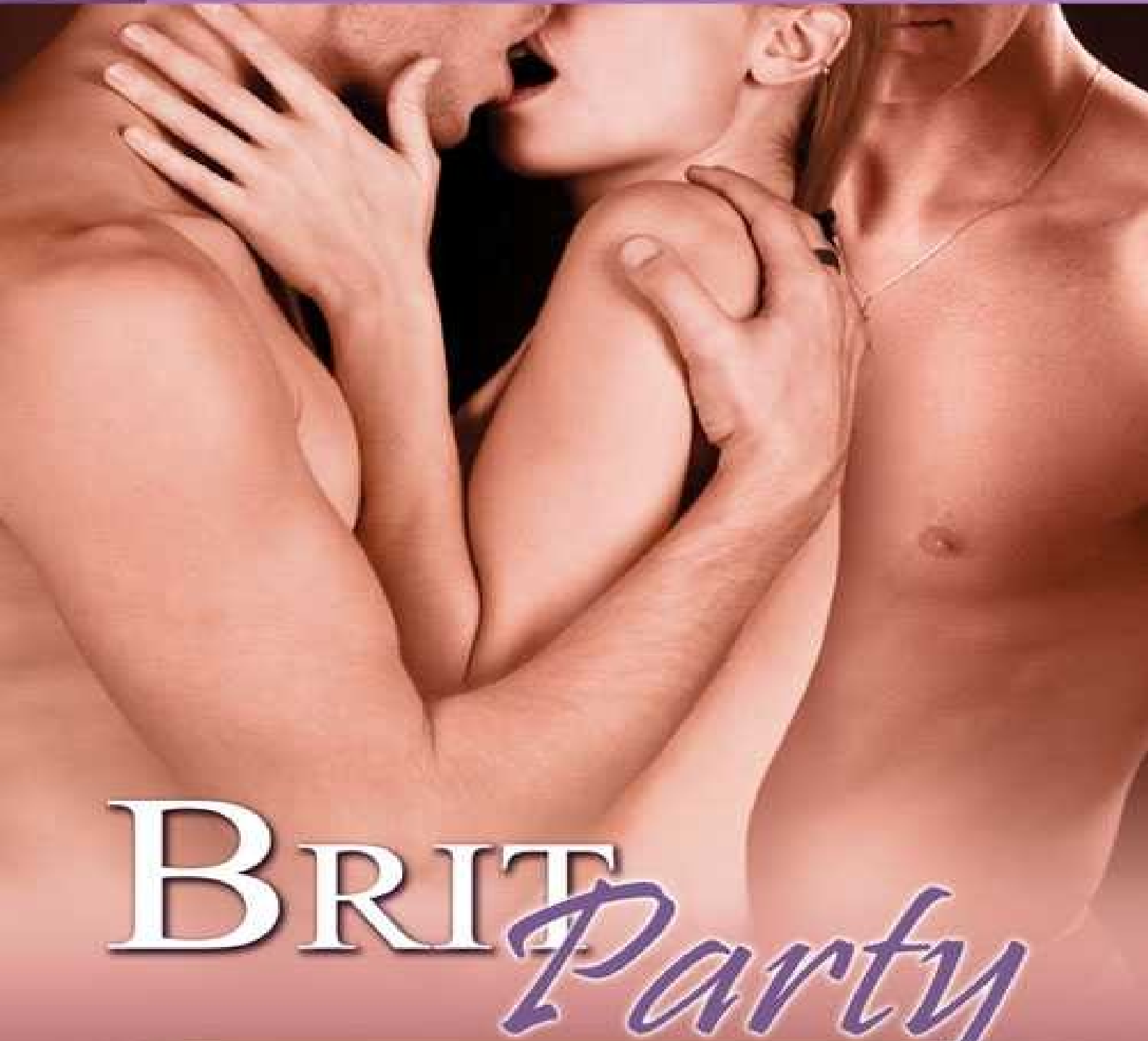




A Total-e-Bound Publishing Anthology

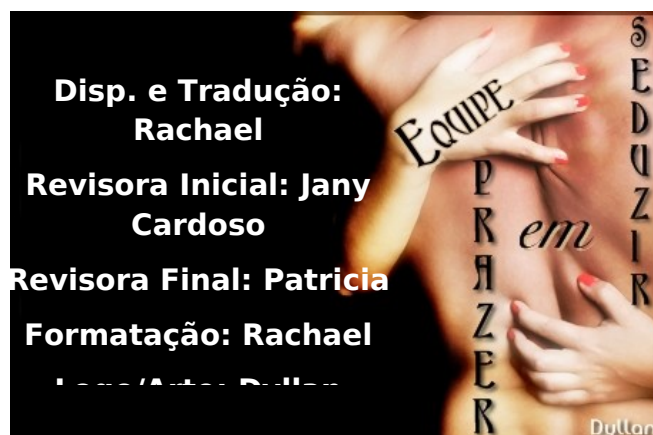


BRIT *Party*

Total-e-Bound

ASHLEY LADD	LISABET SARAI
IAN	THE HOLT
BRYNN PAULIN	DAKOTA REBEL

Vento Febril



A divina tentação encontra-se em espera em uma terra antiga e misteriosa.

Em seus primeiros anos juntos, Priscila e Jonathan mantinha um casamento baseado tanto na paixão física como no amor. No entanto, as dificuldades da empresa e as tribulações da Primeira Guerra Mundial cobraram seu pedágio. Quando o pai de Jon morre na Índia distante, o casal viaja para o plantio isolado de chá Assamês do pai para resolver seus assuntos. Longe da agitação e distração de Londres, deixada sozinha para suportar as chuvas de vento, enquanto Jon luta para completar a colheita final, Priscila percebe o quanto sente falta do toque de Jon.

Anil Kumar chega com documentos de negócios para Jon examinar. O nativo carismático encanta tanto a Priscila como a Jon com sua beleza de um deus e charme. Em incidentes separados, cada um deles sucumbe às atenções sensuais de Anil. Será que os desejos ilícitos excitados pelo bonito indiano é o golpe final que destruirá seu casamento? Ou o caminho para salvá-lo?

Dedicação

Para Das

Revisoras Comentam...



Jany: Nossa... Simplesmente A-D-O-R-E-I! Esse livro é completamente magnífico, envolvente... misterioso... E o Anil? Oh, Anil maravilhoso! Acabei de revisar esse livro, porém já estou com saudades. Livro surpreendente, estão ficando cada vez melhores as histórias. E que venha o próximo!

Patricia: Que leitura empolgante! Adorei... A cena do Anil com o John é tudo de bom. E a luta interna travada pela Priscilla é adorável. Gostaria de ter um nativo assim só para mim, kkkkk. Conclusão... Adorei revisar este livro. Espero ansiosa pelos outros. Boa leitura!



Capítulo Um

As gotas de chuva são lágrimas de Lakshmi. Isso é o que Lalida havia dito — chorou lágrimas de piedade pelo consorte de Vishnu no triste estado da humanidade. Da varanda abrigada, Priscilla assistiu lâminas de chuva varrendo implacavelmente toda a terra. A cortina de prata alternadamente escondia e revelava as formas das colinas verdes aumento na distância.

Priscilla engoliu o último de seu biscoito e recostou-se na cadeira de vime, desenhando o xale sobre os ombros. Ela sabia, com a experiência da semana passada, que a chuva iria acabar em poucas horas. Os arbustos verdejantes molhados que brilhavam ao sol, como se alguém tivesse espalhado punhados de joias sobre suas folhas. Por enquanto, os tons suaves da paisagem combinavam com seu humor.

"Mais chá, Senhora?" Lalida roubou por trás dela em pés descalços, seu sári laranja como um raio de fogo na manhã cinzenta.

"Não para mim, mas, por favor, traga uma jarra fresca para o Sr. Archer."

"Sim, senhora." A empregada saiu correndo, deixando Priscila sozinha novamente com seus devaneios.

Tinha realmente sido apenas um mês atrás, que chegaram na Índia? Parecia uma vida. Ela mal conseguia se lembrar das ruas de Londres, da agitação e do barulho, o barulho dos cascos na calçada, os chifres e os motores de escapamento dos carros que disputavam com as carruagens por espaço. Era tão tranquilo aqui na plantação. Tudo o que podia ouvir era o chiado da chuva escorrendo para baixo.

Na primeira semana ela havia estado ocupada, trabalhando com Lalida e algumas das moças da aldeia para limpar o bangalô de seu sogro e classificar com a desordem de duas décadas de vida celibatário. Ela conheceu o pai de Jonathan, apenas uma vez, no casamento de seis anos atrás. Sua lembrança confusa era de um jovial, mas um pouco distraído homem com olhos mais jovens do que se poderia esperar de seus 74 anos. Ele tinha viajado cinco semanas para ver seu único filho casado, mas ele permaneceu em Londres apenas quatro dias. Índia era a sua casa, ele disse a ela. Ele não podia suportar ficar longe por muito tempo.



Uma vez que a casa estava em ordem, Priscilla tinha pouco a ocupar-se. Os dias de Jonathan estavam cheios, gestão do plantio e tentando descobrir assuntos emaranhados de seu pai. Ele tinha pouco tempo para ela. Não que isso fosse tão diferente de sua vida em Londres, mas não tinha amigos e diversões. Aqui não tinha com quem conversar, mas sim Lalida cujo Inglês não era adequado para uma conversa de qualquer profundidade.

As dobradiças da porta rangeram. Priscilla virou-se, esperando o servo, mas em vez disso ela viu a figura, a guarnição ereta de seu marido.

"Bom dia, Jon. Dormiu bem?"

"Bem o suficiente. Espero que o meu rolar e virar não tenha a perturbado. "

"Nem um pouco." Priscilla não podia dizer-lhe a verdade. Muitas vezes ela estava acordada durante horas, olhando para a rede de mosquito pálida acima de sua cama, ouvindo o seu resmungar, querendo, mas não se atrevendo a acordá-lo. Morrendo para que ele a tocasse. "Sente-se e tome café. Lalida está vindo com uma jarra fresca."

"Eu realmente não estou com fome. Vou levar uma garrafa de chá comigo. Eu quero sair para a pista norte logo que eu puder e ver como a colheita vem vindo ao longe. Suresh me disse que normalmente a colheita da segunda lavagem deve ser concluída antes das chuvas começarem. Quanto mais tempo levar, mais pobre será a qualidade."

"Por favor, sente-se por apenas um minuto. Coma um biscoito. Esses dias eu quase não vi você!"

Jonathan colocou a mão em seu ombro. E roçou os lábios em seus cachos de gengibre.

O toque fez breve arrepio em Priscilla com prazer. "Sinto muito, Pru. Eu sei que isso deve ser difícil para você. Assim que a colheita estiver concluída, vamos começar a procurar um comprador. Estaremos de volta na Inglaterra antes do Natal, eu prometo."

Ele endireitou-se, um olhar resolutivo endurecendo suas feições juvenis. "Agora, porém, eu estou diante de uma emergência. Espero que você possa entender. Lalida, coloque isso em uma garrafa térmica para mim. Eu estarei de volta



para o almoço, em torno de uma." Ele pegou a capa oleada pendurada atrás da porta.

Priscila se levantou e colocou os braços ao redor da cintura. Seu corpo tinha mudado em suas semanas de esforço físico. Ela podia sentir os músculos rígidos de mudança sob a camisa. Seu próprio corpo faiscou acordado, subitamente consciente da textura de sua pele, o cheiro de seu sabão. "Eu vou sentir sua falta, Jon." Ela tentou beijá-lo, mas ele torceu longe, só seu bigode escovando os lábios.

"Priscilla, por favor! É plena luz do dia."

"Não há ninguém por perto. Ninguém estaria neste dilúvio. Me beije, por favor." Ela esfregou seu corpo contra o dele, deliberadamente tentando acordá-lo. "De qualquer forma, você não se importava antes, quando nos casamos. Você se lembra daquela vez, quando encontrou o meu trem em Kings Cross? Você estava tão desesperado por mim, você deslizou sua mão sob a blusa, bem ali na plataforma!"

"Isso foi há muito tempo," a face Jon era sombria. Lágrimas se reuniram em um carço, doendo na garganta de Priscilla. "Nós éramos jovens e irresponsáveis".

"Eu gostava de ser irresponsável", declarou ela, colocando no ar malcriado que costumava diverti-lo. Mas ela não podia trazer um sorriso ao seu rosto. Firmemente, ele a colocou de lado e puxou o oleado sobre sua cabeça.

"Nós vamos falar sobre isso mais tarde, Priscilla. Eu tenho que ir para os campos." Ela sabia, porém, que esta conversa, como todas as outras sobre a sua vida privada, juntos, não seria continuada.

Ela o viu caminhando para o caminho, indo para o paddock. Pouco tempo depois ela ouviu o clipe clop de seu cavalo desaparecendo na distância enevoadada. Ela suspirou, apoiando-se no corrimão e olhando para fora através dos véus movediços da chuva.

Priscilla tinha sido louca por Jon quando eles se conheceram. Ela não poderia ter o suficiente dele. Ela era virgem quando se casaram, mas em pouco tempo ela estava tão barulhenta e pronta como qualquer mulher da rua, ou assim ele disse. Naqueles dias sua audácia sexual tinha o excitado.

Memórias de suas primeiras aventuras fizeram suas bochechas queimarem e as coxas amortecerem.



De alguma forma, porém, o seu ardor tinha esfriado cedo. Poderia ter sido o peso crescente das preocupações de seus negócios, ou as dificuldades terríveis dos anos de guerra. Podia ter sido devido ao fato de que, apesar dos esforços frequentes e vigorosos, ela não conseguia engravidar.

Ambos queriam filhos. No início, a ideia de que eles estavam criando um filho juntos adicionou uma emoção especial para a sua vida amorosa. À medida que os anos se passaram sem que ela engravidasse, eles pararam de falar sobre os filhos. Em silêncio, cada um deles oscilou entre culpa e responsabilidade. Quando faziam amor, as recriminações não ditas tornaram mais e mais difíceis para eles se conectarem.

Se apenas eles pudessem tentar novamente... Mas Jon quase não tocava nela agora. Ela poderia facilmente lembrar-se da última vez, no navio alguns dias fora de Portsmouth, quando ela tinha estado enjoada e Jon estava tentando confortá-la. Ela não tinha estado em grande parte em uma condição para se divertir, mas ainda suas atenções tinha sido bem-vindas.

Cerca de dois meses atrás! Priscilla estava frustrada além da crença. Estar aqui na Índia era pior. Assim era mais fria que Delhi ou Calcutá, mas, inevitavelmente, neste clima, usavam menos roupas. A comida nativa, com suas especiarias e pimentas, tendiam a agitar o sangue.

E os povos nativos eram muito menos discretos do que o Ingleses sobre suas funções corporais.

Uma vez, passando na vila em uma missão, ela tinha encontrado um homem e uma mulher acoplado à sombra de uma árvore *bo* enorme. Escondida atrás de um freio de bambu, envergonhada, mas incapaz de desviar o olhar, Priscilla tinha visto seu acasalamento. O homem puxou o sári da mulher de lado e mostrou sua metade inferior. Ela abriu as coxas largas, envolvendo suas pernas ao redor da cintura enquanto dirigia seu órgão em seu sexo. Ele tirou a roupa de algodão simples quando agitou em cima dela, cada impulso provocando um profundo gemido de prazer de seu parceiro.

Priscilla podia ver o suor brilhando em sua pele de mogno. Ela estava perto o suficiente para que pudesse sentir o cheiro deles, suor e almíscar, alho e óleo da palma. Pulseiras de ouro brilhavam nos tornozelos da mulher, que foram viciadas



em torno dos quadris do homem. Ela balançou para trás e para frente buscando o prazer dela. O homem finalmente rosnou e enterrou sua pélvis barbaramente nas profundezas da mulher. Ela respondeu com um grito agudo, que certamente deve ter sido audível na aldeia a cem metros de distância.

Priscila correu de volta para o bangalô, trancou-se no quarto, e mergulhou as duas mãos em sua calcinha, desesperadamente tentando aplacar a fome entre as pernas.

Na verdade, essa foi uma maneira que ela estava passando o tempo nas últimas semanas, no frenético auto prazer. Não importava quantas vezes ela se trouxe para o clímax, porém, não aliviou sua necessidade. Seu toque próprio a deixava vazia e fria. Era o toque de Jon que ela ansiava, sua pele e seu cheiro, as mãos suaves e seu pênis feroz.

Inexorável chuva ainda bateu a terra. Priscilla sentiu um súbito desejo selvagem de arrancar suas roupas e fugir da varanda para a chuva. Ela não se mexeu, é claro. Mas ela se viu no olho da sua mente, dançando nua no dilúvio. Ela quase podia sentir os riachos frescos escorrendo para baixo sobre a pele nua, fazendo cócegas em seus mamilos, fluindo na fenda entre as coxas para saciar a febre constante lá.

Tudo de uma vez, através das cortinas nebulosas de chuva, ela viu algo se mover. Lá em baixo, no caminho que levava até o bangalô da estrada do governo, havia uma forma escura.

Quando ele chegou mais perto, resolveu-se em um guarda-chuva preto enorme. No momento em que chegaram os passos, Priscilla podia ver que o guarda-chuva era levado por um homem alto, vestido formalmente, um nativo extremamente molhado.

"Bom dia, senhora," ele chamou. "Você é a Sra. Archer?" Seu Inglês foi quase perfeito. O acento do sotaque dele só fez seu discurso mais melodioso.

"Sim, eu sou Priscilla Archer. Posso ajudá-lo? Por favor, venha para fora da chuva. Você está encharcado."

O indiano subiu os degraus com sua maleta, lutando para fechar seu guarda-chuva no caminho. Ele sorriu, seus dentes brilhantemente brancos contra a pele da cor de chá com leite. "Obrigado, Senhora. Estou realmente molhado. O transporte a



partir da estação me deixou no pé do morro. Eu não tinha alternativa a não ser caminhar até sua porta, e neste vento meu guarda-chuva é pouco eficaz." Ele se inclinou para o guarda-chuva contra a grade e enfiou a mão no bolso do casaco para o seu cartão de visita. "Permita-me apresentar-me. Sou Anil Kumar. Eu sou — ou seja, eu era — solicitador do seu sogro."

Priscila tomou o cartão, observando o endereço de Calcutá. "Você percorreu um longo caminho, o Sr. Kumar. Por favor, sente-se. Vou pedir que tragam um chá."

O homem sorriu e pegou a mão dela, "Muito obrigado, Sra. Archer. Chá seria muito bem-vindo. Mas, talvez, eu deveria mudar minha roupa, em vez de deixar o seu mobiliário se tornar tão molhado quanto eu estou".

"É claro, quanta desconsideração minha. Lalida, leve o Sr. Kumar para o quarto de hóspedes e traga-lhe água quente para se lavar."

"Imediatamente, Senhora. Senhor, por favor, siga-me." Os dois nativos desapareceram dentro da casa, deixando Priscila sozinha novamente na varanda.

Ela sentou-se em uma das cadeiras, olhando fixamente para o cartão, vendo seu dono no olho da sua mente. Anil Kumar era um nativo, é verdade, mas claramente um cavalheiro. Sua roupa, mesmo quando molhado, mostrou sinais de alfaiataria personalizada. Seu porte era majestoso, com o rosto tanto gracioso quanto inteligente. Sobrancelhas grossas arqueadas sobre os olhos profundos da cor de madeira de teca. Sua testa alta foi coroada por cabelos pretos exuberantes, cortados ordenadamente, mas com uma tendência a enrolar. Seu nariz longo e reto e queixo quadrado foram equilibrados por um conjunto de lábios cheios o suficiente para pertencer a uma mulher.

Um homem bonito, sim, mas mais do que a soma de suas partes. Mesmo em sua interação breve, Priscilla tinha percebido alguma coisa, alguma energia ou vida nele que o fez duplamente atraente. Ele exalava confiança, mas sem um traço de arrogância. O Inglês havia aprendido da maneira mais difícil a ser cauteloso com os nativos. No entanto, Priscilla não podia deixar de confiar em Anil Kumar.

Ela ouviu o barulho da porta, olhou para cima e prendeu a respiração. Era Kumar retornando. Ele estava todo vestido de branco, em calças de algodão soltas e uma *kurta* transparente que mostrou sua garganta. Um amuleto de ouro pendurado em seu pescoço. Sua pele parecia mais escura, o rosto mais exótico. Priscilla



lembrou-se das estátuas de Krishna que ela e Jonathan tinham visto em Calcutá, no seu caminho para a plantação. Seu coração disparou. Calor úmido reuniu entre suas pernas. Antes, ele tinha olhado como um cavalheiro. Agora, ele parecia um deus.

"Por favor, perdoe o meu estado de nudez, Sra. Archer, mas eu temo que essas sejam as únicas roupas que eu tenho comigo que não estão encharcados. Sua empregada foi gentil levado minha roupa para a limpeza. Assim que ela estiver seca, vou me vestir de forma mais adequada. Enquanto isso, eu espero que eu não ofenda sua sensibilidade."

"Nem um pouco", Priscilla acenou fora a preocupação com um sorriso. Ele certamente afetou sua sensibilidade, mas estava longe de estar ofendida. "Nós todos nos confundimos durante esta estação chuvosa infernal. É difícil imaginar estar completamente seco."

"Ah, mas a monção é uma bênção da deusa mãe. Sem isso, toda a Índia iria morrer de fome."

"Sim, eu tenho certeza de que você está certo. É muito difícil para eu imaginar viver com isso por mais três meses."

Anil inclinou-se para ela, seu rosto sério. Priscila pegou uma pitada de essência de sândalo flutuando de sua pele quente. Uma onda de tontura tomou conta dela. "Deve ser difícil para você, estar tão longe de sua casa. Acho, porém, que se você se permitir, vai amar a Índia."

Priscila lutou para controlar suas reações físicas, "Talvez. Certamente, a chuva é muito bonita. Ele suaviza as arestas e faz tudo parecer irreal, insubstancial. Às vezes, você pode ver as montanhas. Às vezes é como se eles não estivessem lá".

"Sim, exatamente. A monção revela a verdade, que tudo é Maya, ilusão. Nossos corpos, este mundo, prazer e dor, é tudo um sonho dos deuses."

Para Priscilla, naquele momento, nada parecia mais real do que as demandas de seu corpo.

A proximidade de Anil agitou-a aos extremos de desejo que ela não tinha experimentado desde suas primeiras semanas com Jonathan. Seus mamilos estavam doendo, os nós pressionados contra a musselina de sua blusa.

Ela podia sentir os sucos vazando de seu sexo e banhando suas saias. Ela pensou em Jonathan, tentou sufocar a luxúria em culpa, mas não totalmente.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

